

Unidade Nacional



Informativo do Sindicato dos Petroleiros de Duque de Caxias
29 de março de 2010 - Nº 173 www.sindipetrocaxias.org.br



REDUC INSEGURA

Bombas de incêndio sem confiabilidade



Durante o incêndio na subestação principal da Casa de Força da Reduc, os trabalhadores constataram um sério problema com as bombas de incêndio que poderia tornar impossível o combate à emergência e causar prejuízo ainda maior à Petrobrás. Com a queda da energia elétrica em toda a refinaria, as novas bombas simplesmente não entravam em operação para pressurizar a rede de água de incêndio e possibilitar o combate ao fogo. Caso houvesse incêndio em qualquer unidade, a Segurança Industrial e a Brigada não teriam água com pressão suficiente para realizar o combate.

É importante destacar que as novas bombas de incêndio são movidas a óleo diesel e, portanto, não necessitariam de energia elétrica para operar. Ocorre que o painel de acionamento das bombas é elétrico, mas, por erro de projeto ou de montagem, não permitiu a alimentação pelo banco de baterias. No boletim Unidade Nacional nº 144, o Sindipetro Caxias já denunciava que o novo sistema de combate a incêndio da Reduc não havia sido suficientemente testado. E a emergência na

Casa de Força demonstrou que o Sindicato tinha razão. Os Técnicos de Operação da Gerência de Águas e Efluentes, que operam o sistema de incêndio, levaram cerca de duas horas para colocar as bombas em operação e, mesmo assim, somente após a intervenção de eletricitistas que instalaram uma “gambiarra” para permitir o funcionamento das bombas. Caso ocorresse um incêndio em qualquer outra unidade da Reduc antes que o problema fosse resolvido pela manutenção, esta queimaria totalmente sem que a equipe da Segurança Industrial pudesse fazer nada.

Passado o momento crítico, a Engenharia da Petrobrás realizou um estudo para verificar qual foi o problema no painel de acionamento das bombas de incêndio e propor uma solução. Mas a saída proposta pela Engenharia não atende às necessidades da Reduc em caso de novo incêndio. Os especialistas instalaram disjuntores para serem manipulados pela equipe da operação em caso de emergência semelhante, em que falte energia elétrica para o painel de acionamento. Não levaram em conta que as bombas são acionadas

remotamente pelo Centro Integrado de Controle – CIC – e, caso seja necessária a intervenção da operação para manipular os disjuntores no local, os Técnicos de Operação terão que se deslocar a pé, pois a casa de bombas de incêndio fica na Avenida A, atrás do Reservatório de Segurança, distante cerca de 1km da casa de controle da operação.

A respeito do Reservatório de Segurança, cumpre informar que, originalmente, este foi projetado e servia para armazenar 200 milhões de litros de água doce, provenientes do Guandu, a fim de garantir o abastecimento de água, por um período de 24 horas, em caso de qualquer problema com as adutoras que abastecem a Reduc. Entretanto, hoje, o Reservatório perdeu essa função. Com a montagem do novo sistema de bombas de incêndio, estas passaram a captar água doce do Reservatório para apagar fogo em toda a refinaria. A partir daí, começaram os problemas. Com 3 bombas em operação, a água armazenada no Reservatório garante o combate à emergência por apenas 6 horas. Após esse prazo não haverá água para pressurizar a Rede de Incêndio, pois as tubulações que abastecem o Reservatório não têm capacidade suficiente para repor a água em tempo hábil. Por sua vez, as antigas bombas, que captam água salgada da Baía de Guanabara, não têm pressão suficiente para alcançar os pontos mais remotos da Reduc, como a unidade de Coque, por exemplo.

Não bastassem tantos problemas, a antiga Rede de Incêndio da Reduc não é confiável. Até hoje estão sendo feitos testes hidrostáticos para verificar a capacidade das tubulações de receberem a pressão mais alta das novas bombas.

CONTINUA NO VERSO

Por outro lado, as tubulações da nova Rede de Incêndio não são revestidas, pois foram projetadas para operar com água doce e não podem ser interligadas com as bombas antigas – de água salgada – porque a corrosão seria acelerada.

Ora, não é preciso ser um especialista em eletricidade ou segurança para saber que há algo errado com o sistema de incêndio da Reduc. Mas isso não surpreende ao Sindicato e aos trabalhadores

que conhecem bem o tratamento que é dado para o SMS na Reduc e na Petrobrás. No caso do recente incêndio na Casa de Força, o Grupo de Trabalho constituído pela refinaria concluiu que houve falha no combate ao incêndio devido à demora em se desligar a subestação de energia. Fica a pergunta: Do que adiantaria desligar rapidamente a subestação, se não havia água para combater a ocorrência por inoperância das bombas de incêndio? Com a resposta a Gerência da Reduc.

OPINIÃO

Inexistência de uma política de treinamentos contribui para afundar a Reduc

Tantos são os recursos aplicados em capacitação dos gerentes, grandes somas são investidas em ferramentas e programas de computador, mas não existem resultados efetivos na aplicação de treinamentos que, sem dúvida, contribuiriam para a melhoria da segurança e saúde e motivariam os trabalhadores.

Existe uma frase que norteia esta política: “Treinamento é custo e, sendo assim, não pode ser gerado”. Não é preciso, freqüentar nenhum MBA gerencial, pago a peso de ouro, para avaliar, na modesta visão dos trabalhadores, que na Reduc são classificados como “chão de fábrica”, que esta política é torta, não possui visão humanista, não agrega valor, põe em risco a saúde e a segurança dos trabalhadores e das instalações e é contrária à política da própria Petrobrás que, a todo o

momento, faz questão de divulgar na mídia que segurança é valor.

O treinamento precisa urgentemente ser tratado como investimento de alto valor agregado com reflexo no desempenho das tarefas do dia a dia, aumento da confiabilidade das pessoas e equipamentos e impacto direto na combalida e abissal ambiência da Reduc. É preciso, antes que seja tarde demais, que as lacunas técnicas sejam identificadas de forma adequada e responsável, como prescrevem os próprios padrões de trabalho da empresa. Urge que seja implementada reciclagem dos principais treinamentos de emergência. É necessário também que se pare de repetir como papagaios que “segurança é valor”, passando efetivamente a praticar segurança, com ações e políticas coerentes e adequadas.

Veja se você recebe corretamente os minutinhos da PST

Um Técnico de Operação descobriu que alguns trabalhadores do regime de turno da Reduc não vêm recebendo a hora extra da passagem de serviço corretamente. Em dezembro de 2007, o Sindipetro Caxias assinou com a Petrobrás um Termo Aditivo ao Acordo Coletivo de Trabalho 2007/2009 aumentando essa hora extra de 36 para 40 minutos diários. O pagamento dos 40 minutos passou a ser feito a partir de 1º de dezembro de 2007. Ocorre que, por motivos ainda não apurados, alguns trabalhadores continuaram recebendo apenas 36 minutos. O Sindipetro Caxias orienta os trabalhadores do regime de turno para que confirmem sua Folha de Ponto para saber se estão recebendo os minutinhos corretamente. Caso estejam recebendo apenas 36 minutos, é necessário encaminhar uma solicitação da correção ao SAC do Compartilhado para que seja feito o acerto e

o pagamento das diferenças retroativo a dezembro de 2007.

A seguir descrevemos a forma como os empregados do turno podem conferir se recebem a hora extra da PST corretamente. *O empregado deve abrir a sua Folha de Ponto de um mês em que não tenha tirado férias, ou seja, tenha trabalhado todos os dias de sua escala. Na parte de baixo do lado direito da Folha de Ponto, em amarelo, consta a expressão “Hora Extra Troca de Turno” e, ao lado, um número. Se esse número for 12 horas, o empregado está recebendo a hora extra da PST corretamente, ou seja, 40 minutos diários. Caso o número seja 10:48 horas o empregado está recebendo apenas 36 minutos diários, devendo encaminhar pedido de acerto ao SAC do Compartilhado.*

Pombos também dão prejuízo

Nas oficinas 83 e 84 da Reduc, os pombos despejam suas fezes sobre as máquinas e os trabalhadores, já tendo danificado equipamentos caros e podendo provocar doenças. Com os equipamentos parados, o custo dos serviços de usinagem fica muito mais elevado, pois a Reduc tem que contratar empresas especializadas para realizar os trabalhos fora da refinaria. E os trabalhadores podem adquirir doenças graves se atingidos pelas fezes dos animais.

Trabalhadores se desdobram no Coque

Na unidade de Coque da Reduc, que iniciou sua operação em 2008, muitos equipamentos já não funcionam e os trabalhadores precisam se desdobrar todos os dias. Somente para abrir uma válvula, que era automatizada até apresentar problemas, são necessários 05 Técnicos de Operação, todo o efetivo da unidade, que, a cada dois dias, durante uma hora de muito esforço físico, se sacrificam para manobrar tal válvula, com risco de sofrerem uma lesão muscular ou na coluna cervical. Além disso, o elevador original continua parado e diversas válvulas do reator continuam sendo operadas manualmente, o que reduz a confiabilidade na operação da unidade.

Sindicato denuncia desvios ao TCU e à CGU

Em razão dos desvios ocorridos na Reduc, que de forma indireta contribuem para a redução do efetivo, o Sindipetro Caxias protocolou no Tribunal de Contas da União – TCU, na última terça-feira, 23, a Denúncia de que empregados do regime de turno estão desviados para o horário administrativo com a manutenção do pagamento dos adicionais próprios dos empregados do turno. Uma Denúncia com o mesmo teor foi protocolada também na Controladoria Geral da União – CGU.

Aproveitando sua passagem por Brasília, novamente o Departamento Jurídico do Sindicato compareceu ao Tribunal Superior do Trabalho – TST – para tentar agilizar o julgamento do recurso da Petrobrás no processo do Minuto a Minuto. É importante lembrar que, apesar do acordo para os substituídos do turno, o processo encontra-se em fase de execução provisória. Ainda não há previsão para julgamento do recurso.